

## DA FÉ EM CRISTO NASCE O DESEJO DA UNIDADE

Comemoração dos 500 anos da Reforma – 31 de outubro de 2017

Câmara Municipal de Montes Claros – MG

---

Saudação a todos os presentes.

Nós, os cristãos, vivemos deste mesmo e único mistério: “Deus o constituiu Senhor e Cristo, este Jesus a quem vós crucificastes” (At 2, 36). Sabemos, no entanto, que embora proclamando o mesmo núcleo da fé cristã e professando discípulos do Senhor, os cristãos, dolorosamente, se dividiram em diferentes denominações.

Há exatamente 500 anos, o então monge agostiniano Martinho Lutero realizava um gesto que ficou identificado como início da Reforma Protestante: “Lutero enviou suas 95 Teses intituladas *Disputa sobre a Eficácia e o Poder das Indulgências*, como um apêndice de uma carta ao Arcebispo de Mainz. Nesta carta, Lutero expressava sérias preocupações a respeito da pregação e do uso de indulgências, que estavam ocorrendo sob a responsabilidade do Arcebispo, e urgiu que ele fizesse mudanças. No mesmo dia, escreveu uma outra carta a seu bispo diocesano Jerônimo, de Brandenburg. Ao enviar suas teses a alguns colegas e – com muita probabilidade – as afixou na porta da igreja do castelo de Wittenberg, seu desejo era iniciar um debate acadêmico a respeito de questões abertas e não resolvidas no tocante à teoria e uso de indulgências”<sup>1</sup>.

Conhecemos os fatos da história e sabemos que ambas as partes se enrijeceram de modo a dificultar sempre mais o diálogo e o encontro de soluções que preservassem a unidade da Igreja. Uma série de procedimentos de ambas as partes – de um lado, Lutero apoiado pelos príncipes alemães e, de outro, o papado com o apoio de alguns imperadores – acabou por marcar uma cisão na Igreja católica do ocidente. Nesse contexto nascia a Igreja Luterana.

Diante do fato dessa separação e de novas divisões que se sucederam, não faltou o empenho de muitos pela “reintegração da unidade”. Este é o grande sonho do movimento ecumênico, iniciado por outras Igrejas e acolhido pelo Concílio Vaticano II, que o compreendeu como o conjunto

---

<sup>1</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS E FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do Conflito à Comunhão. Comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017*. Brasília, Edição conjunta Edições CNBB e Editora Sinodal. 2015, pp. 26-27.

das “atividades e iniciativas suscitadas e ordenadas em favor das várias necessidades da Igreja e oportunidades dos tempos, no sentido de favorecer a unidade dos Cristãos” (UR 4). O Concílio Vaticano II explicitou que a conversão do coração e a santidade de vida, junto com a *oração comum*, são como a “alma do movimento ecumênico” (UR 7-8).

Neste mesmo sentido, São João Paulo II escreveu para toda a Igreja, em 1995, a Carta Encíclica *Ut Unum Sint* sobre o empenho ecumênico. Não hesitou em afirmar que “a Igreja Católica assume o compromisso ecumênico como um imperativo da consciência cristã, iluminada pela fé e guiada pela caridade” apontando o *caminho ecumênico como o caminho da Igreja* (UUS 7). Abrindo horizontes para este compromisso ecumênico, João Paulo II afirmou: “Avança-se pelo caminho que conduz à conversão dos corações ao ritmo do amor que se dedica a Deus e, ao mesmo tempo, aos irmãos: a todos os irmãos, inclusive àqueles que não estão em plena comunhão conosco. Do amor nasce o desejo de unidade, mesmo naqueles que sempre ignoraram tal exigência. O amor é artífice de comunhão entre as pessoas e entre as Comunidades. Se nós amamos, tendemos a aprofundar a nossa comunhão, a orientá-la para a perfeição. [...] O amor é a corrente mais profunda que dá vida e infunde vigor ao processo que leva à unidade. Este amor *encontra a sua expressão mais acabada na oração em comum*” (UUS 21).

O imperativo cristão do amor – “*Nisto reconhecerão todos que sois os meus discípulos: se vos amardes uns aos outros*” (Jo 13,35) – está em perfeita sintonia com a oração de Jesus: “*Que todos sejam um*” (Jo 17,21). A exigência, pois, que se impõe é de que o verdadeiro amor pelos irmãos se projeta no desejo de construção da unidade. Em decorrência, compreende-se porque o ecumenismo não se trata de uma estratégia, mas antes, de uma espiritualidade. E espiritualidade de comunhão, de unidade. Quem não beber da fonte do Evangelho e não se alimentar do sonho de Jesus dificilmente compreenderá o estreito vínculo entre a prática do amor e a construção da unidade.

Uma oportunidade muito especial de, não apenas, orar pela unidade, mas também, de orar junto com irmãos e irmãs de denominações cristãs diferentes nos é oferecida no dia de hoje, 31 de outubro, quando recordamos os 500 anos da Reforma. Católicos e Luteranos falamos de “comemoração”.

Onde está o sentido dessa compreensão, perguntaram-se muitos. No texto produzido pela comissão bilateral católico-luterana<sup>2</sup> se explica:

“A Igreja é o corpo de Cristo. Assim como existe apenas um Cristo, assim também ele tem apenas um corpo. Pelo batismo homens e mulheres se tornam membros desse corpo.

O Concílio Vaticano II ensina que as pessoas batizadas e que creem em Cristo, mas não pertencem à Igreja Católica Romana, “foram justificadas pela fé no Batismo [e] são membros do corpo de Cristo, e têm direito de serem chamadas de cristãs, e são aceitas corretamente como irmãos pelos filhos da Igreja Católica” (UR 13). Os cristãos luteranos dizem a mesma coisa de seus irmãos cristãos católicos.

Se católicos e luteranos estão vinculados um ao outro no corpo de Cristo como seus membros, então é verdadeiro o que Paulo diz a respeito deles em 1 Cor 12,36: “Se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele”. O que afeta um membro do corpo também afeta todos os outros. Por essa razão, quando os cristãos luteranos relembram os eventos que levaram à formação particular de suas igrejas, eles não desejam fazê-lo sem seus irmãos católicos. Ao recordarem com cada um deles o início da Reforma, eles estão levando a sério o seu batismo”.

Do reconhecimento do que é comum e nos une brota a gratidão e a alegria. Do reconhecimento do que nos divide, brota sofrimento e lamento. Explicitamente:

“Em 2017, quando os cristãos luteranos celebram o aniversário do início da Reforma, não estão celebrando a divisão da igreja ocidental. Ninguém, que seja teologicamente responsável, pode celebrar a divisão dos cristãos entre si”<sup>3</sup>.

E mais:

---

<sup>2</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS E FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do Conflito à Comunhão. Comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017*. Brasília, Edição conjunta Edições CNBB e Editora Sinodal. 2015, p. 83.

<sup>3</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS E FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do Conflito à Comunhão. Comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017*. Brasília, Edição conjunta Edições CNBB e Editora Sinodal. 2015, p. 84.

“Como a comemoração de 2017 permite expressão de alegria e gratidão, assim também é um momento para que luteranos e católicos experimentem dor a respeito das falhas e desvios, culpa e pecado nas pessoas e eventos que são lembrados”<sup>4</sup>.

Este ato ecumênico realizado na Câmara Municipal de Montes Claros pode ser considerado uma experiência singular na busca de superação das divisões. O encontro, a convivência e a partilha contribuem para a descoberta dos valores dos irmãos pertencentes a outras denominações cristãs. Abre-se uma real possibilidade de vivência da fraternidade e da unidade, a partir daquilo que já nos unifica: a fé em Jesus Cristo.

Cada cristão, para levar a sério a oração de Jesus – *“Que todos sejam um”* (Jo 17,21) – deveria comprometer-se de alguma forma a trabalhar pela unidade da Igreja de Cristo e pela superação de atitudes, gestos e palavras que acentuam divisões e aumentam feridas. Antes de tudo, amemos nossos irmãos e, então, veremos crescer em nós o desejo pela unidade. Não foi esta a ordem de Jesus: *“Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois os meus discípulos: se vos amardes uns aos outros”*? (Jo 13,34-35).

*Dom João Justino de Medeiros Silva  
Arcebispo Coadjutor de Montes Claros*

---

<sup>4</sup> Idem, p. 85.